



**\_ porque**

Aprendemos durante nossa vida escolar a cultura indígena superficialmente. Conhecemos sua história, sua **existência e importância na colonização do território brasileiro**. Além disso, nos apresentam um dia no qual os homenageamos. Entretanto, conhecemos sua tradição? Sabemos sua importância nos dias atuais? Por que há uma indiferença no nosso cotidiano? Existe um preconceito estabelecido na comunidade não indígena?

No período dos últimos dez anos houve uma **diminuição de 15,03% da população indígena no estado do Rio Grande do Sul**, passando de 38.718 para 32.989 habitantes (POPULAÇÃO...2012). Neste contexto é relevante analisar de que forma tratamos a inserção dos grupos indígenas nas áreas urbanas, uma vez que se deparam nos paradigmas da sociedade atual.

A comunidade não indígena negou-se sua socialização com os demais povos colonizadores, havendo uma **difícilidade da inserção de outras culturas**, como o caso de indígenas, negros e migrantes. O esforço passa desde a necessidade obrigatória de convivência, sendo ela em espaços públicos, ou até na adaptação aos costumes destes povos.

A era tecnológica possibilita um domínio multicultural com extrema facilidade e, por outro lado, a **intolerância faz com que se criassem fronteiras entre eles**, e na criação delas iniciam-se os conflitos sociais. Segundo Laroque e da Silva

"o conflito que há entre as duas sociedades - nacional e indígena - é marcado por uma visão do outro, que é diferente de nós, portanto considerado 'inferior ou incapaz'; e é justamente esta justificativa que os brancos utilizaram para exterminar milhares de indígenas durante largo período da História brasileira" (2012, p. 11)

Esta intolerância passa pela falta de informação e de uma maior sensibilidade do povo não indígena com os povos originários, uma vez que a sua inserção urbana é algo procedente, principalmente no contexto histórico, em que **as cidades invadiram os espaços indígenas** (LAROQUE DA SILVA, 2012, p. 11).

Adentrar nas cidades não fora um propósito cultural dos indígenas, mas sim uma **necessidade**. As condições existentes nos aldeamentos, assim como a falta de auxílio governamental, obrigaram as comunidades a migrarem para fora das áreas demarcadas em busca de melhores qualidades de vida. Desta maneira, não houve um preparo adequado, tanto da cidade quanto dos cidadãos, para que houvesse uma inserção correta a fim de manter seus costumes e tradições, e sim medidas paliativas. Tais medidas persistem até hoje.

Dentro das análises apresentadas indicou-se que para haver uma aproximação cultural de forma correta será necessário **implementar espaços dentro das zonas de conforto de ambas comunidades**.

Sendo isso, é importante que, através de programas que se complementem se faça necessário e possível a troca, **primeiramente de forma intuitiva**, para que após a existência da curiosidade, sejam apresentados de complementar.

Entende-se que a cultura indígena, por ser milenar, carrega uma bagagem histórica e cultural muito grande. Ela é mantida de geração para geração através dos costumes de cada tribo, adaptando-se aos diversos fatores de mudança temporal que sofrem. Isso significa que **não houve uma perda cultural ao longo do tempo e sim uma atualização de seus costumes** ao meio originário.

Atualmente os povos indígenas Kaingang são assistidos e protegidos por inúmeras leis e decretos, por outro lado, vale ressaltar a **luta incessante e duradoura pela conquista de seus direitos**, sendo pertinente afirmar que a intolerância e a insensibilidade são mais antigas do que os nossos pré-conceitos.

A busca por seus direitos perdura por anos, sendo uma **barreira a ser vencida diariamente**. Outros agravantes tumultuam essas condições, principalmente por interesse de agricultores em suas terras, especulação imobiliária e insensibilidade da população e seus governantes para com os povos originários. Um dos episódios mais graves passou-se pelo atual presidente da república, Jair Messias Bolsonaro, quando falou em um de seus discursos de campanha que iria acabar com as demarcações de terras indígenas e os financiamentos a ONG's de preservação, dizendo:

"Pode ter certeza que quando eu chegar lá (presidência da República) não vai ter dinheiro para ONG. Não vai ter um centímetro demarcado para reserva indígena ou quilombola. [...] Onde tem terra indígena, tem uma riqueza enorme dela." (REUTERS, 2017)

Tal atitude valida ações de mesma forma, dissipando o preconceito e as atitudes deves pela população em geral. É importante salientar que crescemos com o conhecimento breve de sua cultura, sem nenhuma interação ou incentivo para conhecê-la, resultando na insensibilidade e intolerância que aqui se apresenta. Quebrar com as barreiras existentes é o primeiro passo para uma **sociedade igualitária**, seja ela de gênero, raça ou crença, e para que isso aconteça, é necessário haver interesse mútuo e abertura ao diálogo.

Portanto a **cultura indígena é riquíssima**. Aprendemos sobre ela o básico, sem o interesse social de conhecermos sua total complexidade, talvez por falta de interesse ou de instrução. Impregnou-se em toda a sociedade o olhar egocêntrico e preconceituoso nas atitudes com que devemos olhar o outro. Falta nos a maturidade de enxergar a dificuldade e propor a possibilidade. Tal característica não é resolvida na inserção de programas ou projetos queabilitem suas aproximações, e sim, na **construção de mecanismos que ao longo do tempo possam suprir a necessidade da busca incessante da prova de seu protagonismo**.

**\_ onde**

No Rio Grande do Sul vivem cerca de **dezoito mil indígenas Kaingang** distribuídos em diversos acampamentos, localizados nas cidades de Terenete, Porteira (01), Irai (02), Planalto (03), Nonoai (04), Erechim (05), Salto do Jacuí (06), Lajeado (07), Estrela (08), Tabai (09), Farroupilha (10), São Leopoldo (11), Gravataí (12) e Porto Alegre (13) (LAPPE, 2012), conforme localização na Figura 2. Além destas áreas regularizadas, existem agrupamentos itinerantes em acampamentos temporários, próximos a rodovias, vadiutos, margens de rios e florestas (DA SILVA, apud LAPPE, 2012, p. 35). Conforme cita Galietapud Lappe

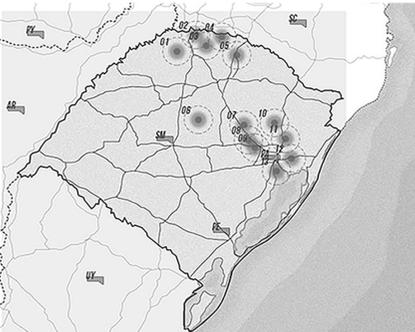
"No Rio Grande do Sul, há setenta aldeias Kaingang em vinte e um municípios do Estado, e os acampamentos em rodovias somam quinze aldeamentos em todo o Estado. Estes foram ocultos porque não é possível afirmar exatamente este número, uma vez que há a ausência de mapas e dados que indiquem onde estão e quantos são" (2012, p. 35)

Após o golpe de 1964 houve uma pressão nas reservas indígenas para que houvesse uma **modernização de sua produção**, interferindo-se na prática de arrendamentos e a transformação destes em "empresas rurais" (DA SILVA, apud MARCON, 2016, p. 85). A partir da segunda metade do século XX, as novas relações capitalistas de produção e expropriação das terras tornam-se uma ameaça para os indígenas (DA SILVA, 2016). Sendo este seja um dos motivos de um grande salto da população indígena que deixou a zona rural e ingressou à cidade.

Conhecidos no Rio Grande do Sul como **Corado ou Bugre**, estes povos são sobreviventes de um contingente reduzido numericamente, mas de estrutura cosmológica e social ainda em vigor, atualizando-se nas modificações pelas quais vêm passando (ROCHA, 2016). O povo da Tribo Kaingang é um povo com mobilidade, ou seja, não são fixos em um determinado lugar, pois sua cultura é de caça-coleta, diferente de outras tribos que se algam em uma área para o cultivo da agricultura, por exemplo. Esse mecanismo ocorre nos dias atuais, entretanto tendo seus povoados fixos e suas populações circundantes entre as comunidades

"Para visitar seus parentes, buscar materiais para feitura do artesanato, para buscar alimentos em aldeamentos próximos, participar de reuniões, por motivos de desentendimentos entre eles, para vender seus artesanatos em outras cidades, dentro outros. A mobilidade sempre fez parte da lógica Kaingang ao longo dos tempos" (LAROQUE DA SILVA, 2012, p. 68)

O Vale do Taquari localiza-se na macrorregião nordeste do Rio Grande do Sul, composto por 36 municípios e tendo cidade sede Lajeado, gerando uma população de 348.455 habitantes (IBGE, 2010). No contexto histórico, este Vale foi um tradicional território indígena (LAROQUE DA SILVA, 2015) e estudos arqueológicos, iniciados em 2000 pelo Setor de Arqueologia da Univas, comprovam esta afirmação.



No contexto histórico, este Vale foi um tradicional território indígena (LAROQUE DA SILVA, 2015) e estudos arqueológicos, iniciados em 2000 pelo Setor de Arqueologia da Univas, comprovam esta afirmação. A partir destes trabalhos, vários artefatos de cultura material foram encontrados em muitos sítios arqueológicos identificados, indicando assim, a ocupação de grupos pré-coloniais ou pré-históricos na região em questão (FREGENBAUN, 2006).

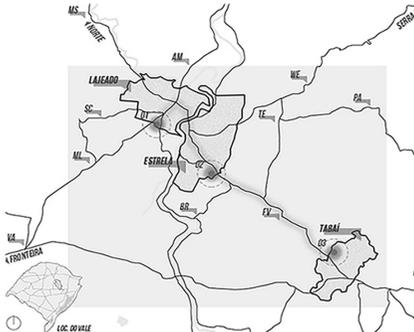
Neste vale encontram-se três Terras Indígenas Kaingang: Foxá (01) na cidade de Lajeado, Jamá770m (02) na cidade de Estrela e Po Mag (03) na cidade de Tabai, todas localizadas na figura acima ao centro. A Terra Indígena Po Magna cidade de Tabai é a mais recente destas três, sendo um desdobramento da Terra Indígena Foxá, instalada mediante medida compensatória para a duplicação da BR 386. (BUSOLL, 2016)

Há uma **mobilidade entre as Terras Indígenas**, principalmente por terem como ponto de parentesco em outras comunidades ou no interior do estado (GARLET, 2010). Neste aspecto é possível afirmar que há um fluxo de pessoas entre estas locais, gerando uma movimentação interna formando um grande território Kaingang.

Dividido em dois núcleos, público e semipúblico, o projeto inserido em duas localizações tratam do tema na realidade de ambas as culturas. O núcleo público estará abocado no Centro da cidade. Já o núcleo semipúblico estará junto à Aldeia Foa, localizada no bairro Santo Antônio.

Ambos possuem o mesmo propósito, entretanto com **abordagens distintas**. Enquanto o público trata-se de um espaço democrático e aberto, aonde a apresentação cultural se dará de forma intuitiva e sensorial, o núcleo semipúblico tratará do tema de maneira mais institucional, abrangendo o público escolar.

O núcleo público encontra-se no Centro da cidade de Lajeado, local que proporciona uma retomada da utilização do centro histórico e da orla da cidade, além de proporcionar um contato urbano para necessidades dos indígenas residentes no município, através de um projeto paisagístico. Por outro lado, o núcleo semipúblico localiza-se dentro da Terra Indígena Foa na borda urbana de Lajeado. Este tem como objetivo, por meio de um projeto arquitetônico, incorporar o conhecimento e prática Kaingang para a comunidade em geral, a fim de inserir no cotidiano o aspecto educacional, principalmente para o público escolar.



O terreno escolhido para sediar o Núcleo Público foi definido através das análises e diretrizes estabelecidas para a melhor inserção no lugar central da cidade. Estes estudos resultaram na escolha de três lotes localizados dentro do quarteirão formado pela Avenida Benjamin Constant, Rua Osvaldo Aranha, Rua Júlio de Castilhos, Rua Silva e Jardim e Rua Marshal Destro, no bairro Centro da cidade de Lajeado/RS. Próximo aos principais equipamentos urbanos do Centro, tais qual a Praça da Matriz, Praça da Matriz, Prefeitura, Casa de Cultura, Biblioteca Municipal, Câmara de Vereadores e de duas escolas municipais, o mesmo possui acessos facilitados tanto quem ingressa de outros bairros quanto de quem vem de fora da cidade. Acesso se o terreno proposto a partir de outros bairros através da Avenida Beirão orlados do sul da cidade e pela Benjamin Constant provenientes do norte e oeste do município. Por outro lado, visitantes ingressam pela BR 386 e posterior acesso pela Rua Bento Rosa. Todos os acessos possuem como ponto de chegada a Praça da Matriz, quadra oposta e localizada a 150 metros do acesso principal do terreno.

A massa de vegetação existente gera uma diversidade de formas, tamanhos e espécies, fomentando a apropriação do espaço para seu contato. Entretanto este local gera atualmente um depósito de resíduos e dejetos da população local, que se utiliza do propósito de não estar edificado para não causar. Esta forma encontram-se áreas com pouca vegetação para aplicação do programa fixo, deixando que percuras e programas que demandem menores áreas para não causar. O caminho agradável pela vegetação mantida, será composto por programas localizados no decorrer deste. Na parte mais alta ir encontra-se o programa administrativo, fora da zona fundiável e também próxima aos dois principais acessos. Na parte mais baixa do terreno aonde se toma um dos primeiros locais a serem mudados, haverá prioritariamente passagem e programas fixos a estas possíveis ações climáticas.

O Núcleo Semipúblico estará situado dentro das Terras Indígenas da Foa, situadas às margens da RS 130 e no km 65. Pertencente ao bairro Santo Antônio, segundo o Plano Diretor da cidade de Lajeado a comunidade está estabelecida no limite com a cidade de Cruzeiro do Sul.



Por localizar-se na borda da cidade não há um entorno com muitos equipamentos públicos. Limitando-se a Praça do Clube Esportivo Lajeadense localizada aproximadamente 400 metros da entrada principal da comunidade. Seu entorno caracteriza-se por uma área rural, industrial e vegetação densa. Sua parte oposta confronta-se com residências unifamiliares e multifamiliares de baixa renda.

Os dois lotes ocupados geram uma área total de 82.252,15 m², sendo sua maior parte ocupada por vegetação e plantio. A topografia local facilita para este entorno, aonde tem-se declividades que formam divores de água e linhas de drenagem, formando açudes na parte mais baixa. Os usos do entorno imediato limitam-se em moradias residenciais, sendo estas unifamiliares e multifamiliares conforme citada. Encontram-se tipologias relativamente baixas, limitando-se em residências, sobrados e casas geminadas. Tipologias de maior altura caracterizam-se por blocos habitacionais. A opção por ter uma inserção do equipamento cultural e educacional dentro da aldeia é possível que o visitante tenha uma conexão a realidade local. Entretanto é necessário prever sua localização de forma que se mantenha a privacidade obtida pelos moradores.



É pertinente pensarmos na integração entre todos indiferente de sua raça, cor ou etnia, sendo a **urbanidade** e **responsável** de aproxima los num caráter democrático. Os espaços públicos funcionam como eixos de ligação entre pessoas, proporcionando lugares para expressar seus sentimentos e opiniões, sendo que a participação social se faz ainda mais importante: é um componente estratégico para garantir que as áreas não acabem subutilizadas (PACHECO, 2017).

Deste modo, aproximar a cultura indígena de forma correta aos centros urbanos se faz necessário dentro das análises apresentadas. Atualmente encontram-se medidas paliativas para tal solução, que ao longo do tempo poderão tornar-se um conflito social muito maior. Diga-se de passagem, que não é necessário criar a inserção de fato, mas sim facilitar e possibilitar que ela aconteça de forma correta e segura.

Além disso nasce o ELO. O significado da relação proposta para introduzir a cultura indígena no contexto urbano. Esta ligação faz a união entre dois núcleos existentes, porém distantes socialmente. Levar a comunidade indígena ao centro da cidade gera a primeira volta da engrenagem, completada pela inserção da comunidade local na Aldeia Fová. Os núcleos, com suas particularidades e programas, somente serão únicos quando unidos, ou seja, são dependentes entre si. Desta maneira propõem-se dois projetos em dois terrenos diferentes, porém dependentes. A inserção de espaços dentro de suas respectivas zonas de conforto, com programas específicos que incentivem a vivência e contato com o núcleo oposto.

Seus programas visam propor para ambas culturas um relação de aproximação, com cautela e respeitando seus espaços. Desta forma todos os atributos a serem utilizados não serão impositivos e sim sensitivos. Esta forma de aproximação busca informar a população adulta e educar a população escolar, nutrimdo o respeito e fomentando suas particularidades, ideologias e visões como sociedade. Portanto preserva-se a cultura e saúde se o contato respeitoso e indireto, que ao longo do tempo poderá gerar um sentimento de pertencimento e tolerância.

O núcleo público será inserido no Centro Histórico da cidade de Lajeado/RS, local aonde é constantemente frequentado pela comunidade não indígena. Trata-se de um espaço público, aberto e democrático, o mesmo terá seu terreno definido através das análises posteriores, levando em considerações diretrizes pré-estabelecidas para sua escolha. Inserir um equipamento paisagístico na área central visa retomar a identidade e importância que aquela tivera para a criação e evolução da cidade de Lajeado.

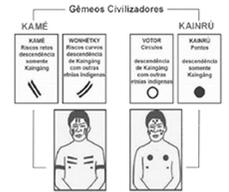
Entretanto, propõe-se incorporar uma temática social a este uso. Alar um equipamento urbano a uma tema cultural é definir que a utilidade passará de ocupação urbana para um local de informação. Este primeiro núcleo atenderá a comunidade em geral, ou seja, todas as personalidades. Desta maneira a disposição das informações relativas a apresentação da cultura Kaingang será pontual e de forma intuitiva. Ou seja, não será imposto que o visitante tenha que se apropriar do tema, e sim que seja convidado a interagir-se da situação atual e permitir se conviver. Esta apresentação se dará através de espaços sensoriais que, inconscientemente as pessoas possam fazer a ligação destes ao povo indígena.

Portanto a proposta não consiste em criar um espaço de empoderamento indígena, uma vez que as análises demonstram que os conflitos sociais ao longo do tempo foram desagastantes e favoráveis aos colonizadores, e sim um local que possa influenciar a convivência e a inclusão. A proposta constitui espaço cultural esteja alojado dentro das terras indígenas Fová/alcão acontecerá o contato dentro da realidade indígena através de um núcleo educacional. Entretanto, propõem-se uma extensão deste centro para a área urbana central com a finalidade de promover o convívio também dentro dos espaços não indígenas, escarancando a realidade atual e mostrando que é possível o contato. O segundo núcleo é definido como semipúblico. Este será dentro das Terras Indígenas Fová, localizada no bairro Santo Antônio, na RS 130, km 67, na cidade de Lajeado/RS.

Este núcleo visa inserir a comunidade local no cotidiano indígena, propondo atividades educacionais dentro da aldeia. Atualmente o local necessita de uma melhor infraestrutura para seus moradores, principalmente no âmbito de convivência e comercial. A proposta consiste num local que possa suprir estas necessidades básicas da aldeia e oferecer um programa que possibilite a inserção de não indígenas neste local.

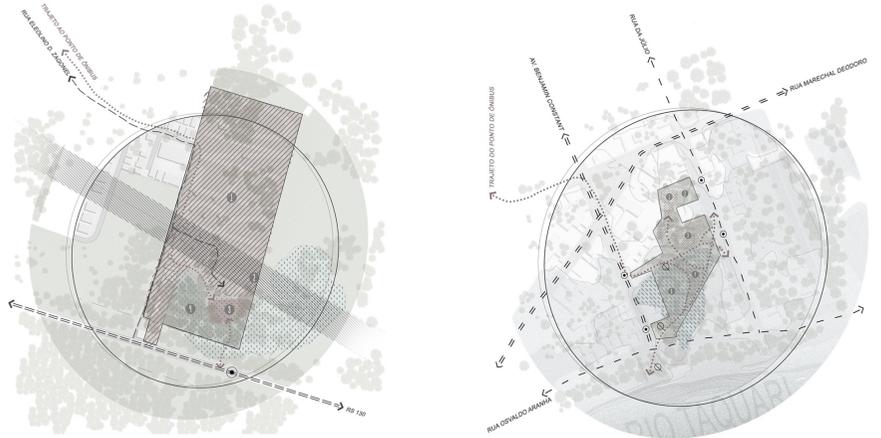
Esta inserção se dará por projetos educacionais que busquem complementar a didática escolar através de atividades práticas na aldeia. Ou seja, levar o público infantil/juvenil para dentro da vivência Kaingang a fim de criar um sentimento de sensibilidade e pertencimento a cultura, gerando uma tolerância e respeito a serem transmitidos para seus familiares. Educá-los no começo permite prepara los para o futuro, resultando numa sociedade igualitária.

Alar e permitir a entrada dos povos escolares na aldeia significa também preservar los e dá los privacidade. Desta maneira será analisado dentro das terras indígenas da Fová o melhor sítio que será instalado o equipamento. De antemão é concluído que os acessos serão limitados para o público não indígena a fim de preservar a comunidade indígena e manter seu funcionamento interno já existente. Portanto os dois núcleos servirão de complemento um do outro, sendo estes dependentes. Criar uma ponte entre os indígenas e a cidade, criar um fluxo a ser ocupado posteriormente mas o elo formado será uma alternativa importante, pois ligará o público ao semi-público, o aberto ao fechado e o indígena ao não indígena.



Segundo as concepções cosmológicas Kaingang, os imãs Kamé e Kairu controlam as regras para os homens, determinando a seleção de suas metades, sendo elas devidamente identificados com jumenta corporal (BALLDAN, apud ROCHA, 2016, p. 30). Estes são representados pelo círculo e pela reta, sendo que para haver um casamento Kaingang é necessário que as partes se complementem. Desta maneira, utilizou-se como forma arquitetônica para seus respectivos lançamentos, uma vez que ambos devem caminhar juntos e transparecer suas identidades de forma clara e sensível. Como outro aspecto arquitetônico utilizado foi a inserção do tramado do artesanato indígena nas esquadrias das volumetrias, confeccionada pela própria população, além de informações sítis em espaços utilizados pelos visitantes, de forma que possa haver a informação em pontos não esperados.

Ou seja, o propósito a informação de dois formatos: consciente e inconsciente. A forma consciente será através do tramado indígena, enquanto que a forma inconsciente de elementos que reforcem sua cosmologia.



MAPA SÍNTESE DO NÚCLEO SEMIPÚBLICO  
01 - Moradia indígena / 02 - Fábrica não edificável de alta tensão / 03 - Localização do programa Semipúblico / 04 - Fáixa de preservação de Vias de maior fluxo / 05 - Acesso / - - - - - Percursos

MAPA SÍNTESE DO NÚCLEO PÚBLICO  
01 - Administração / 02 - Estacionamento / 03 - Artesanato Kaingang / 04 - Espaço democrático / 05 - Cota 24 (não edificável) / - - - - - Rotas de menor fluxo / - - - - - Rotas de maior fluxo / 06 - Miradouro / 07 - Acesso / - - - - - Percursos



**viabilidade**

Com a finalidade de tornar estes núcleos viáveis economicamente, e que possam ser mantidos posteriormente, criam-se dois sistemas que viabilizarão e manterão estes locais: Utilização da Lei Rouanet e FUNDECULT, tendo como seu objetivo disponibilização de recursos por parte do Governo Federal para realização de projetos artístico-culturais (BRASIL, 1991).

Com isso propõe-se a utilização do Fundo Nacional da Cultura (FNC) da qual prevê no Art. 5º o aproveitamento dos recursos do Tesouro Nacional e dosões, nos termos da legislação vigente, sendo este destinado para projetos que são aprovados por um júri após sua submissão. A aprovação por parte do FNC possibilita o recebimento de verba em parcelas para existir de maneira que se busquem as melhores condições de ambas as partes, sem priorizar cada etnia, mas sim ser justa com todas, de melhoria da cidade.

Esta OUC prevê uma participação privada de forma que parte do IPTU cobrado seja direcionada para o FUNDELO, um fundo de arrecadação. Posteriormente o mesmo é destinado para manutenção de ambos os núcleos, com verbas e destinação pré-aprovada.

Aplicar fundos que viabilizem a proposta é tirar do poder público o dever de investir nestes locais, uma vez que se sabe que depender diretamente do governo é um é incerto, cabendo a eles fiscalizarem o andamento e aplicação destas recursos. Além disso, tornar-se viável e permitir que o mesmo projeto possa ser inserido em diferentes lugares, abrangendo mais pessoas e disposto o objetivo aqui proposto. O projeto ELO nasce com a finalidade de não estabelecer, isso se mostrou necessário ao longo do tempo, e por acreditar que um urbanismo e um planejamento de qualidade podem mudar a vida das pessoas, conclui-se que a cidade é o estimulador necessário para enfim fazer os engajamentos do respeito prevalecer.

A proposta de ligação e sua viabilização surgem de maneira que os indígenas possam ser ouvidos, vistos e tratados de forma democrática e tolerante. Valorizar a cultura Kaingang e respeitar a história e torna-la vivida em nosso cotidiano, assim como as culturas dos nossos colonizadores. O debate deve existir de maneira que se busquem as melhores condições de ambas as partes, sem priorizar cada etnia, mas sim ser justa com todas.

Não se espera ao fim deste trabalho uma conclusão de fato, mas sim o início de mais um debate. É necessário que haja mais introdução do tema no currículo escolar para conhecermos suas tradições e sua importância desde seus antepassados. Deve-se incentivar o contato e o fim da indiferença existente e devemos tratar do tema como um preconceito estabelecido, isso se mostrou necessário ao longo do tempo, e por acreditar que um urbanismo e um planejamento de qualidade podem mudar a vida das pessoas, conclui-se que a cidade é o estimulador necessário para enfim fazer os engajamentos do respeito prevalecer.

Portanto este trabalho é muito mais que um projeto arquitetônico e paisagístico, e sim um questionamento: talvez não tenhamos que parar de projetar um futuro que concerte o passado e comecemos a repensar o passado a fim de resolver o futuro?



\_ FOXÁ

Através das análises apresentadas inicialmente chegou-se na definição do primeiro eixo do ELO. Localizado na Aldeia Indígena Kaingang Foxá no bairro Santo Antônio, o eixo semi público é caracterizado pela inserção de uma melhor infraestrutura e de programas educacionais. Este eixo é responsável pela entrada do público em geral junto à aldeia, a fim de gerar um espaço de conhecimento e apresentação da cultura indígena. Desta forma, o programa dividiu-se em dois setores: aberto e fechado. O programa aberto é destinado à comunidade local, enquanto o fechado é restrito à aldeia.

Para alocar os mesmos e manter a privacidade, optou-se por utilizar uma separação da inserção volumétrica que, como acontece na alocação das residências indígenas, adapta-se à topografia existente. Deste modo o setor fechado eleva-se duas cotas em relação ao setor aberto, criando uma barreira visual direta, assim como distância o visitante preservando a intimidade da aldeia.



Para o setor fechado, propõe-se um programa voltado à atender a demanda da comunidade, como dormitórios, que ora pode ser compartilhado e ora privativo, atendendo uma necessidade da comunidade quando ocorre grandes eventos na aldeia. Sanitários com vestiários, sala de enfermaria e psicólogo, cozinha e refeitório. Este setor encontra-se mais próximo das demais residências, permitindo um acesso facilitado e direto. Também por encontra-se próximo a outras casas, propõe-se uma subdivisão dos núcleos através de sua cobertura, onde a telha utilizada é substituída por uma telha translúcida nos corredores que cortam a barra proposta, que externamente retira a ideia de uma longa barra horizontal, contrastando com as demais edificações próximas, além de criar uma sensação de organização de volumes para posteriormente gerar a edificação mais linear.

Series of architectural diagrams and 3D renderings. Top left: 3D view of the site with labels like 'ÁREA DE PLANTIO', 'ÁREA DE VENDAS ATUAL', 'TERRENO PÚBLICO OCUPADO', 'PROPRIEDADE PARTICULAR', 'ESTÁDIO DO LABORINSE', 'BARRO JARDIM DO CERRO', 'BARRO SANTO ANTONIO'. Middle left: 'ENTORNO EXISTENTE' with text about the existing environment. Middle right: 'ACESSOS E ZONAMENTO' with text about access and zoning. Bottom left: 'CONDICIONANTES LEGAIS' with text about legal conditions. Bottom middle: 'MASSA VEGETATIVA EXISTENTE' with text about existing vegetation. Bottom right: 'PROPOSTA DE IMPLANTAÇÃO' with text about the implementation proposal. A large 3D rendering at the bottom shows the proposed building complex in a landscape with trees and a river.



vista aérea para a entrada da Aldeia pela RS 130



Por outro lado encontra-se o setor aberto este voltado ao público em geral e escolar. O programa maior é subdividido em duas barras a fim de adaptar-se melhor à topografia, tendo de um dos lados uma área mais educacional, encontrando-se salas de aulas indígenas (atendendo a necessidade da comunidade da educação dentro da aldeia e posteriormente o encaminhamento para escolas municipais) e ateliers de culinária, linguagens e artesanato, voltando à atender e apresentar a cultura indígena para públicos escolares. Do lado oposto encontra-se uma área mais voltada aos visitantes em geral e a comunidade, acende encontra-se um pequeno setor expositivo, espaço para vendas do artesanato e produção, depósito de materiais, sala reunião e administrativo, além de um sanitário compartilhado.

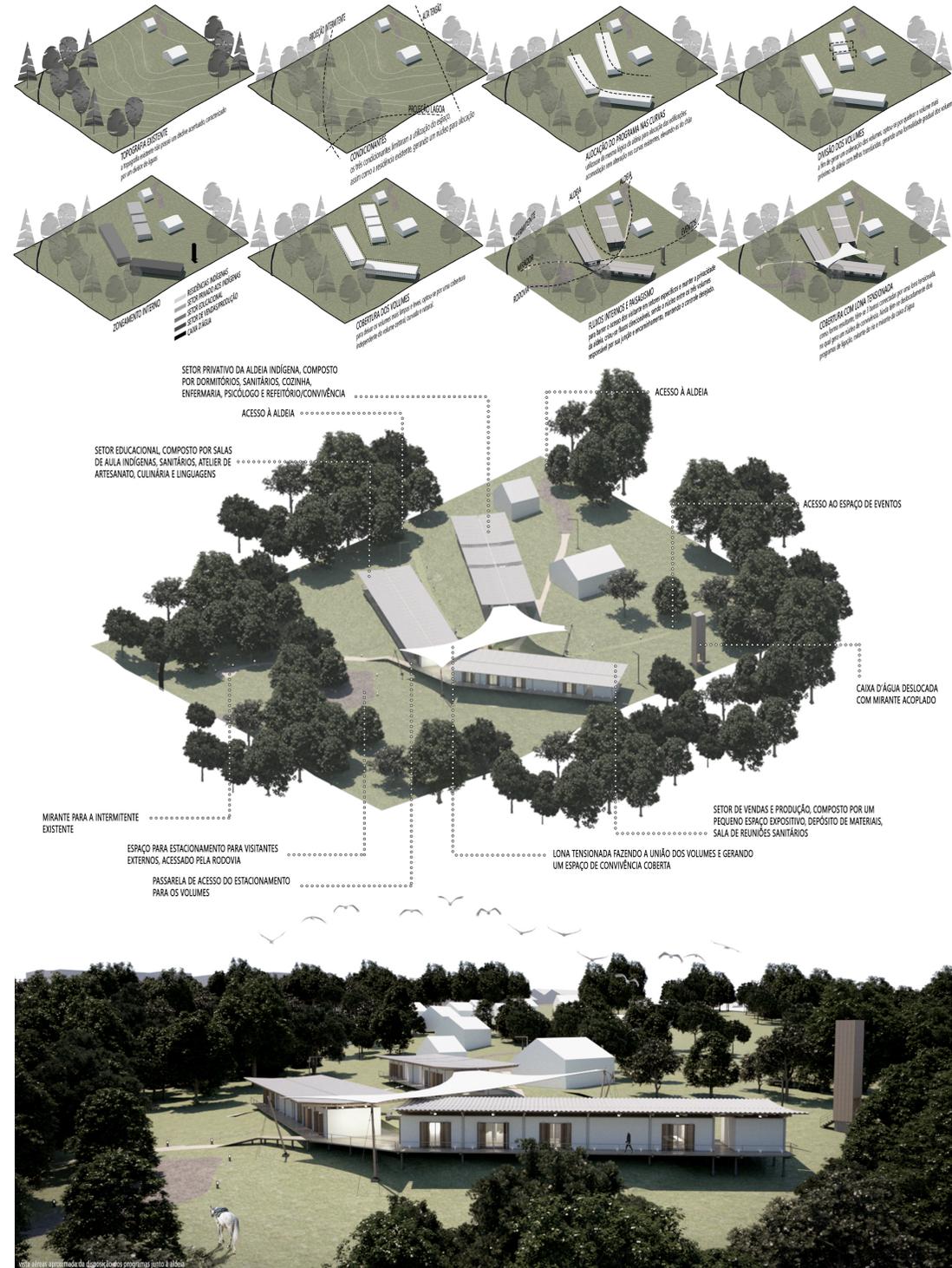
A disposição destes volumes propicia um núcleo central, gerando um local de convívio, integração e troca cultural. Esta área é tratada de forma diferente, tendo uma cobertura através de lonas tensionadas e unificando as três volumetrias. Esta cobertura é proposta por sua significação de forma a distorção dos círculos e seu prolongamento a fim de gerar retas. Este, como exemplificado inicialmente, vai ao encontro da característica das duas metades indígenas, o sol e a lua. Também é embaiado dela que o paisagismo é distribuído, fazendo com que todos os caminhos convertam-se para ele.

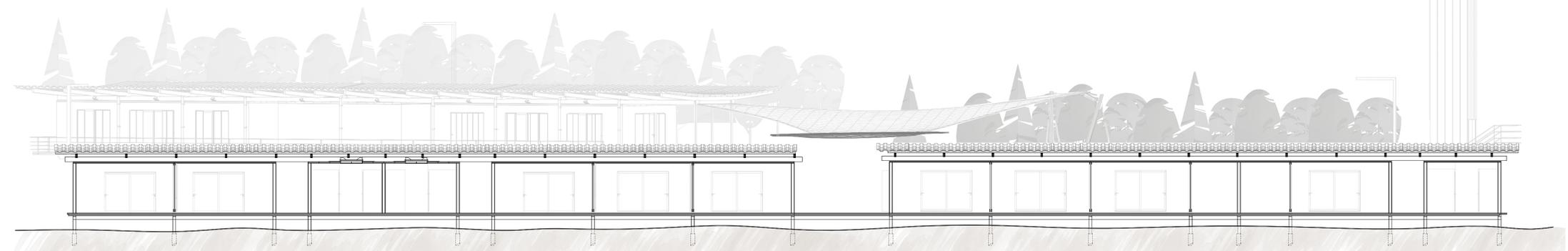
Por fim o paisagismo faz a ligação pelo solo entre todos os setores, além de destinar o visitante e comunidade para permear pelo local. Buscou-se dar continuidade pelos traços orgânicos e seus caminhos, além de utilizar de materiais naturais como pedras, sabões e terra. A proposta não consiste em determinar e demarcar passagens, mas sim diferenciar de forma sutil da vegetação existente, de forma que a mesma mesclasse com o entorno natural e original.

Portanto, a proposta consiste em não tornar a edificação protagonista do local, mas sim o complemento para toda a riqueza cultural e natural ali existente. Propor infraestrutura para este local é, além de valorizar sua história, proporcionar qualidade de vida e condições de moradia adequadas, que, aliada ao convite à comunidade não indígena para conhecer sua realidade, fomentar o respeito e a educação.

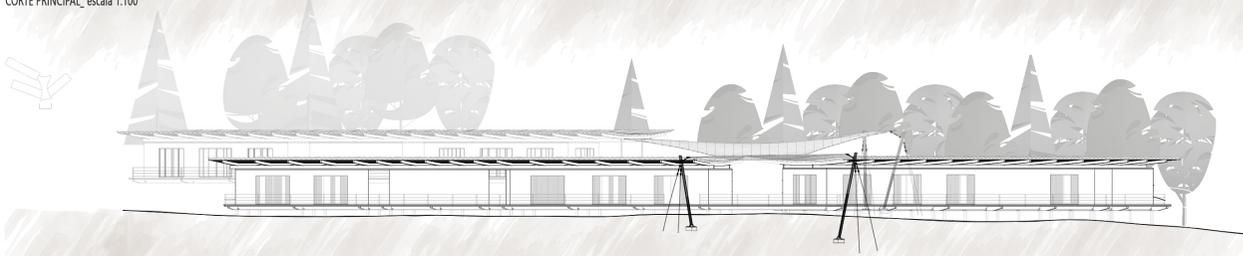


PLANTA IMPLANTAÇÃO escala 1:1000





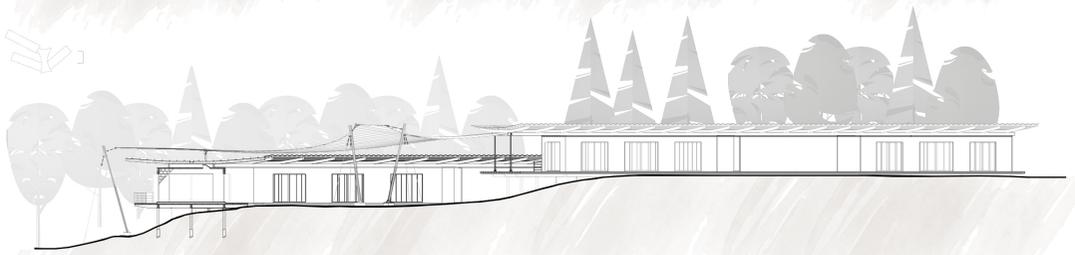
CORTE PRINCIPAL\_ escala 1:100



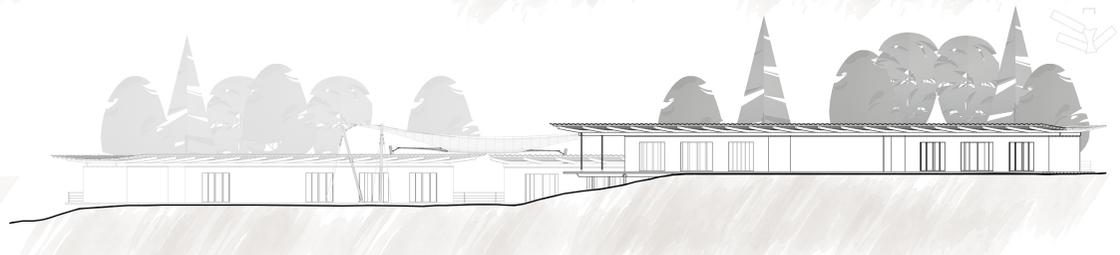
FACHADA OESTE\_ escala 1:250



FACHADA NORTE\_ escala 1:250



FACHADA SUL\_ escala 1:250



FACHADA LESTE\_ escala 1:250



vista da entrada ao núcleo de convivência a partir do setor de tecnologias



vista de entrada pela Alôia até o núcleo central de convivência



**CENTRO**

Por outro lado, como forma complementar do ELO, têm-se a implantação no Centro da cidade de Lajeado. O eixo público é caracterizado por um projeto paisagístico com apenas duas edificações de suporte, tendo sua maior área voltada às passarelas e interações com a vegetação existente. O terreno proposto possui uma vasta vegetação nativa, sendo uma boa parcela de grande porte. O mesmo ainda encontra-se em sua pequena parcela na cota 24, ou seja, inundável e não edificável. Desta forma, a solução encontrada a fim de proporcionar as ligações com as ruas adjacentes, implantação do programa proposto e preservação da vegetação é elevar suas conexões, mantendo o perfil natural do terreno e elevando-se para situações de cheias do Rio Taquari.



A edificação proposta para contemplar o programa segue os mesmos parâmetros apresentados no eixo semi público, mantendo a mesma identidade e criando uma memória inconsciente para quem visitará ambos projetos. Manter a mesma linguagem faz parte do conceito, sendo este estabelecido através da necessidade de ligação e complementação e ambos projetos.

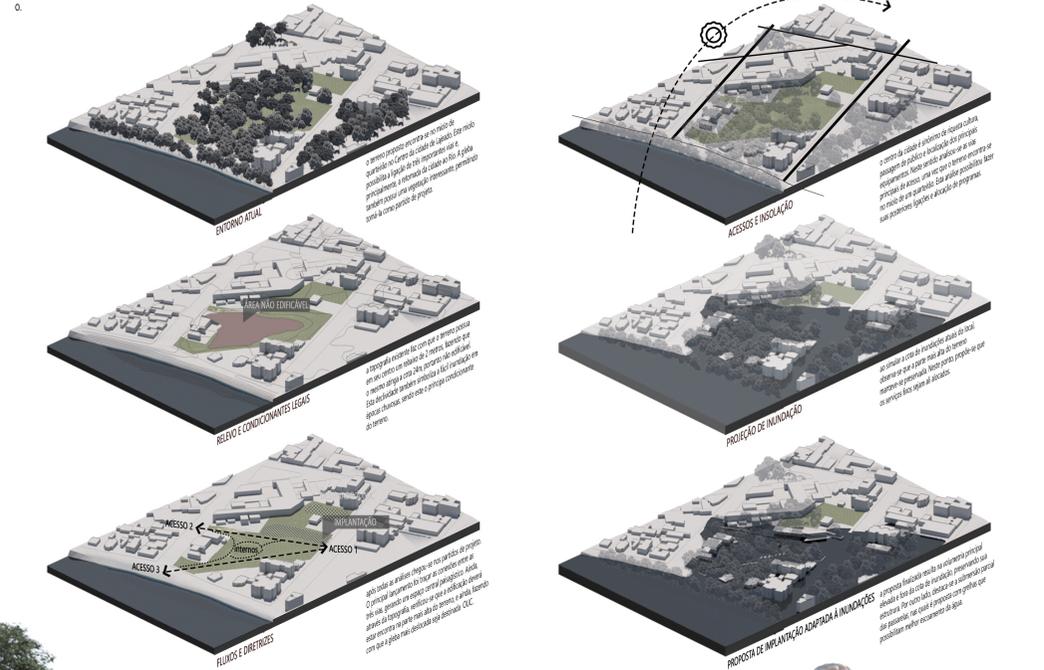
O eixo público servirá de apresentação da cultura indígena kaingang, de forma sensível e não impositiva. Os espaços são voltados para a vegetação, seus caminhos e contato direto com a natureza. Permitir a visibilidade e o contato com o meio natural é mostrar a importância e necessidade do mesmo no cotidiano da população. Além de estar aliado a todo conceito ecossustentável, a implantação permite criar espaços democráticos, tanto para a comunidade indígena quanto para os colonizadores. Para isso, cria-se um espaço plano de maior abrangência próximo a rua principal (a ligação mais facilitada do Centro e da Praça da Matriz), que, ingressando à esta área permite-se duas ligações: a rua adjacente lateral e a Orla do Rio Taquari. Estas passarelas se camuflam em meio a mata nativa, criando avanços sobre ela e acessos até o nível da cota existente, além de elevar através de um mirante sobre a copa das árvores.

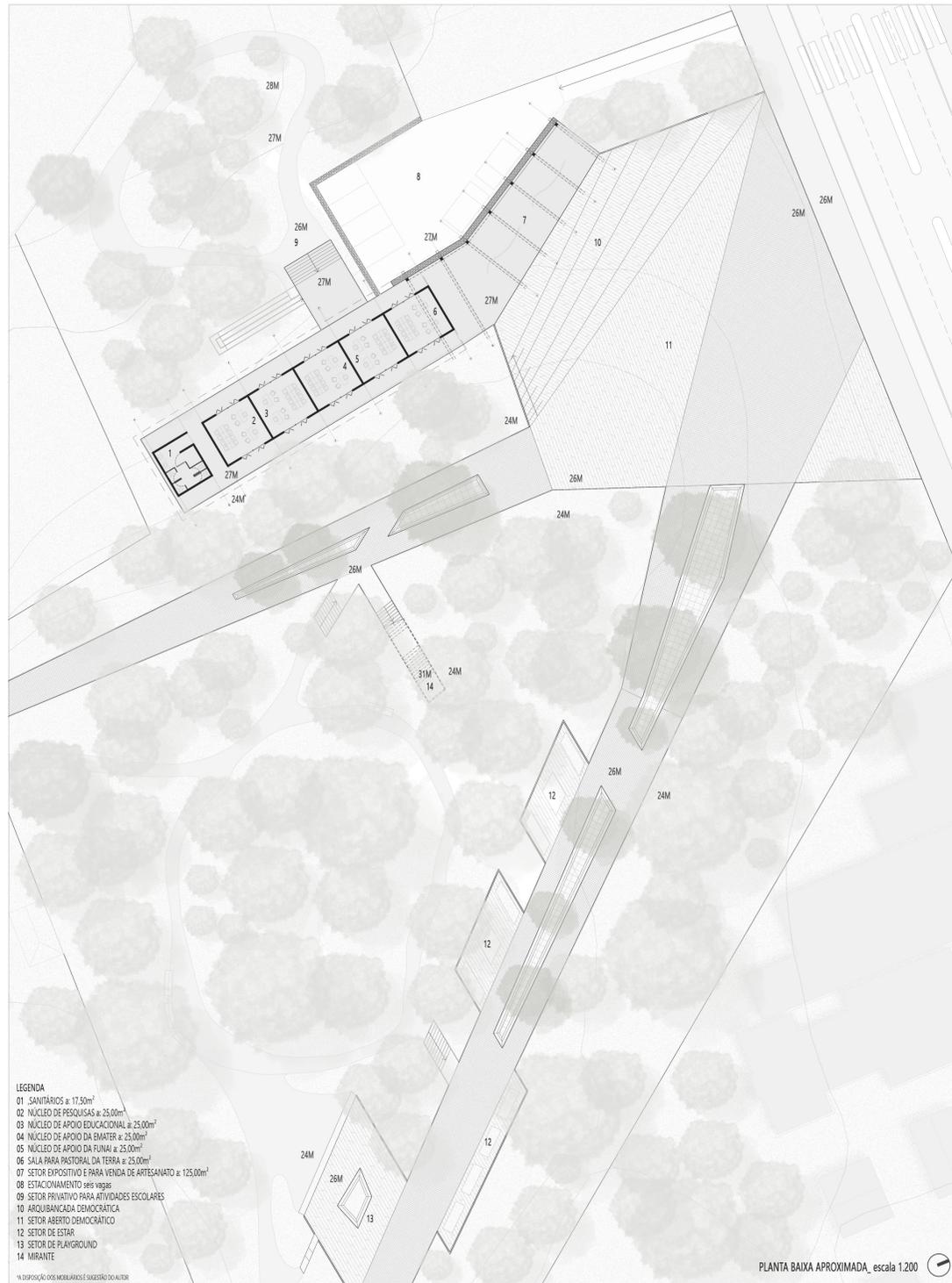
A edificação responsável por abrigar os programas necessários encontra-se na parte mais elevada do terreno e, mesmo fora da cota não edificável eleva-se até a cota 27 a fim de removê-la da cota inundável. Seu acesso parte através do espaço democrático por uma longa escada, gerando também uma arquibancada. Uma vez no nível da edificação têm-se um espaço amplo coberto pelo mesmo modelo de telhado utilizado anteriormente, porém em outro formato, a fim de marcar o uso diferenciado. Seguindo se ingressa para um setor mais controlado, onde encontram-se entidades que trabalham diretamente com a comunidade indígena e núcleos de pesquisas. A área de vegetação criada nos fundos é destinada à atividades escolares, sendo que, deslocada do espaço público de fato cria um ambiente de controle para os coordenadores.

O paisagismo aplicado repete-se assim como aplicado junto à aldeia, sendo mesclado com a vegetação rasteira existente e espaços de estar entre elas. As passarelas possuem uma materialidade que pretende não afetar diretamente a mesma, utilizando-se de grelhas metálicas nos locais de passagem e madeira apenas em locais onde se espera uma utilização de estar, criando um ambiente mais confortável e acolhedor.

Ainda, o terreno por possuir um lote em suas entranças, gera um espaço na parte mais alta do lote totalmente deslocada do resto. Neste setor é proposto uma destinação para a iniciativa privada através de uma Operação Urbana Consorciada, sendo que a empresa ao utilizar deste espaço será responsável pelo manutenção do espaço público acoplado.

Portanto, a finalização do ELO através do eixo público consiste em criar um espaço de convívio para a comunidade em geral, que ao ingressar nos espaços possa ser apresentado ao tema indígena, sem invadir suas respectivas privacidades e impor o respeito desejado. E através do espaço adequado e da inserção de informações básicas que pretende-se romper a barreira da intolerância e desrespeito.

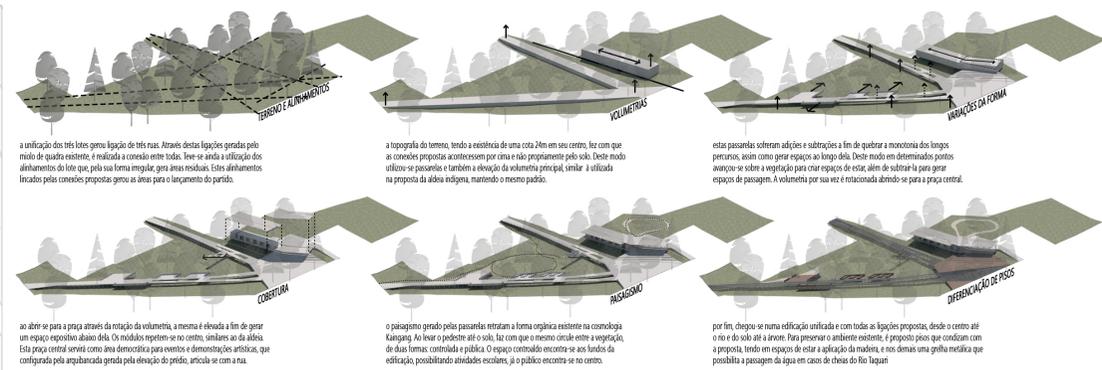




- LEGENDA
- 01 SANITÁRIOS ≈ 17,50m<sup>2</sup>
  - 02 NÚCLEO DE PESQUISAS ≈ 25,00m<sup>2</sup>
  - 03 NÚCLEO DE APOIO EDUCACIONAL ≈ 25,00m<sup>2</sup>
  - 04 NÚCLEO DE APOIO DA MATERIA ≈ 25,00m<sup>2</sup>
  - 05 NÚCLEO DE APOIO DA FUNDA ≈ 25,00m<sup>2</sup>
  - 06 SALA PARA PASTORAL DA TERRA ≈ 25,00m<sup>2</sup>
  - 07 SETOR EXPOSITIVO E PARA VENDA DE ARTESANATO ≈ 125,00m<sup>2</sup>
  - 08 ESTACIONAMENTO seis vagas
  - 09 SETOR PRIVATIVO PARA ATIVIDADES ESCOLARES
  - 10 ARQUIBANCADA DEMOCRÁTICA
  - 11 SETOR ABERTO DEMOCRÁTICO
  - 12 SETOR DE ESTAR
  - 13 SETOR DE PLAYGROUND
  - 14 MIRANTE

\*A DISPOSIÇÃO DOS MOBILIÁRIOS É SUGESTÃO DO AUTOR

PLANTA BAIXA APROXIMADA, escala 1:200



a utilização dos três lotes gera ligações de três eixos. Através destas ligações geradas pelo meio de quadra existente, é realizada a conexão entre todos. Tem-se ainda a utilização dos alinhamentos do lote, que, pela sua forma irregular, gera áreas residuais. Estes alinhamentos foram utilizados pelas conexões propostas, gerando as áreas para o lançamento do partido.

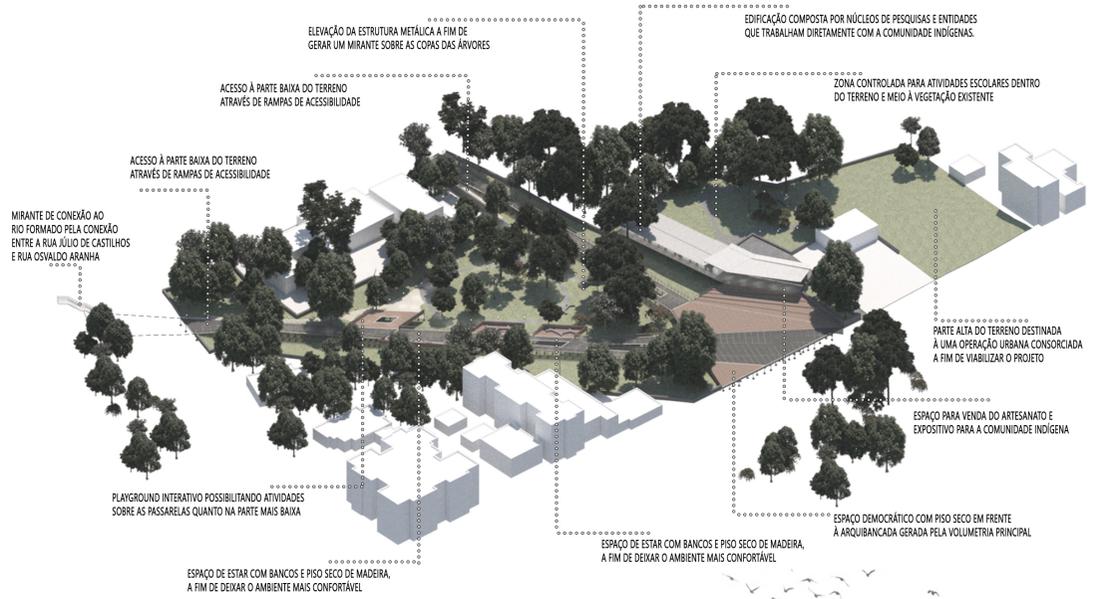
a topografia do terreno, tendo a existência de uma cota 24m em seu centro, faz com que as conexões propostas acontecessem por cima e não propriamente pelo solo. Deste modo utilizou-se passarelas e também a elevação da volumetria principal, similar à utilizada na proposta da aldeia indígena, mantendo o mesmo padrão.

estas passarelas sofreram adições e subtrações a fim de quebrar a monocromia dos longos percursos, assim como gerar espaços ao longo dela. Deste modo determinados pontos avançam-se sobre a vegetação para criar espaços de estar, além de subtrair-la para gerar espaços de passagem. A volumetria por sua vez é rotacionada abrindo-se para a praça central.

ao abrir-se para a praça através da rotação da volumetria, a mesma é elevada a fim de gerar um espaço reservado abastado. Os módulos repetem-se no centro, similares ao da aldeia. Esta praça central servirá como área democrática para eventos e demonstrações artísticas, que configurada pela arquitetura gerada pela elevação do prédio, articula-se com a rua.

o paisagismo gerado pelas passarelas retiraram a forma orgânica existente na cosmologia Kaingang. Ao usar o pedestal ao solo, faz com que a conexão circule entre a vegetação, de duas formas: controlada e pública. O espaço controlado encontra-se aos fundos da edificação, possibilitando atividades escolares, já o público encontra-se no centro.

por fim, chegou-se numa edificação utilizada e com todas as ligações propostas, desde o centro até o fim do solo até a praça. Para proporcionar o ambiente existente, o projeto possui que coexistam com a proposta, tendo em espaços de estar a aplicação da madeira, e em demais uma grade metálica que possibilita a passagem da água em casos de cheias do Rio Taquari.





CORTE PRINCIPAL\_ escala 1:100



FACHADA SUL\_ escala 1:300

FACHADA NORTE\_ escala 1:300



FACHADA LESTE\_ escala 1:300



Vista de entrada pela Rua Osvaldo Aranha em direção à Rua Júlio de Castilhos



Vista de passarela ligando a área central em direção à Av. Benjamin Constant

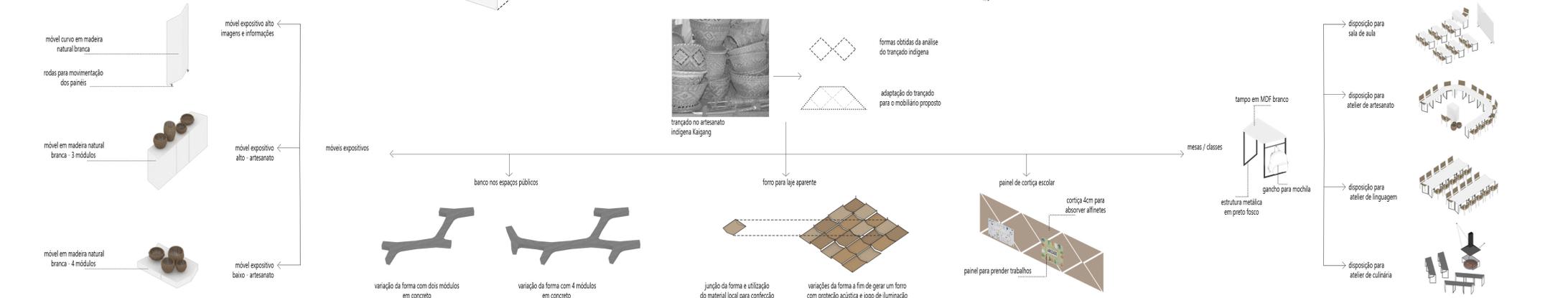
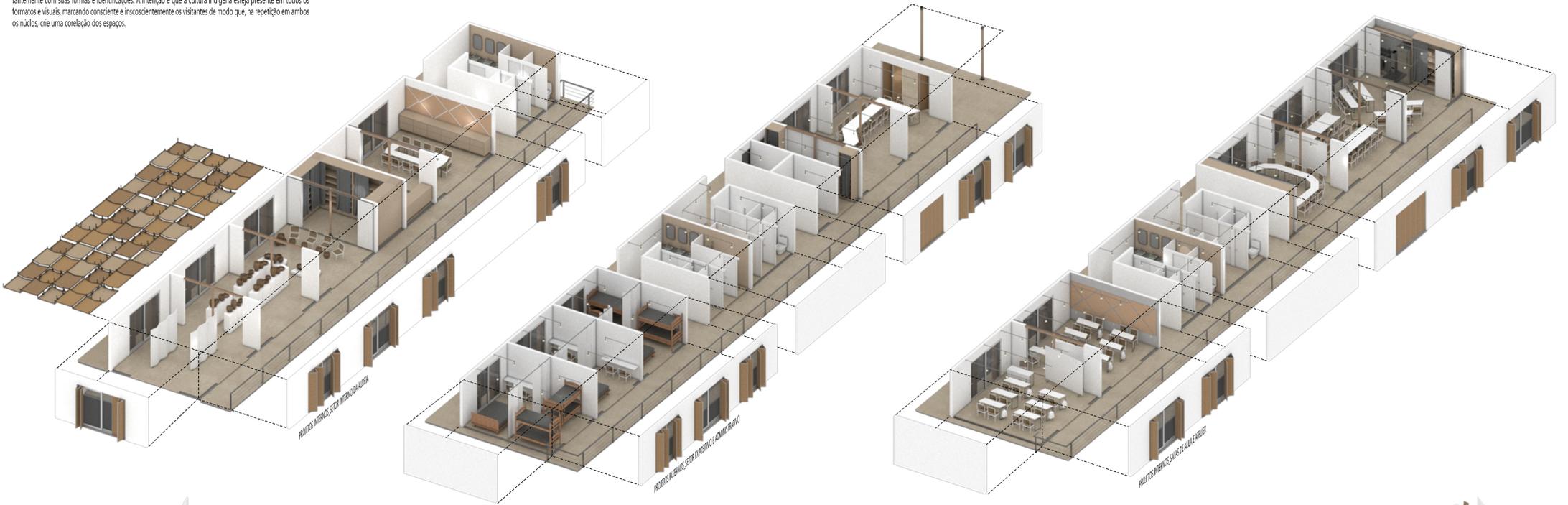
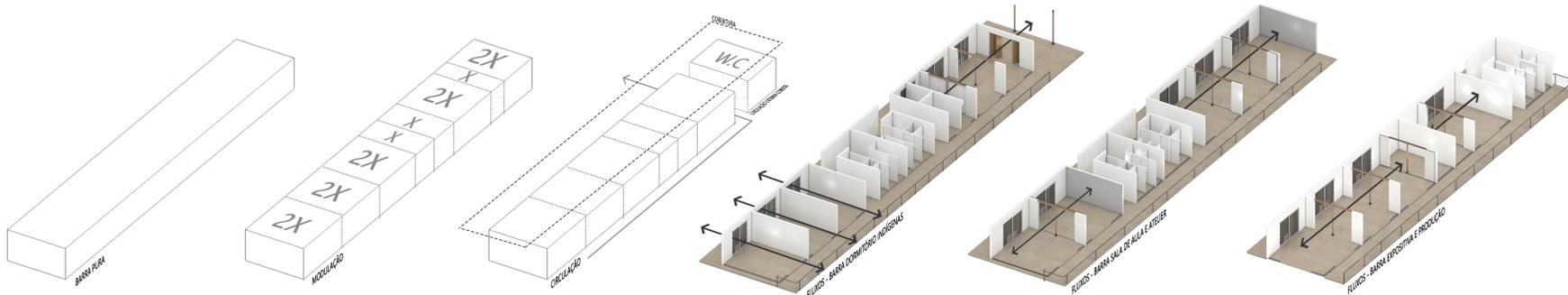


DETALHAMENTO INTERNO

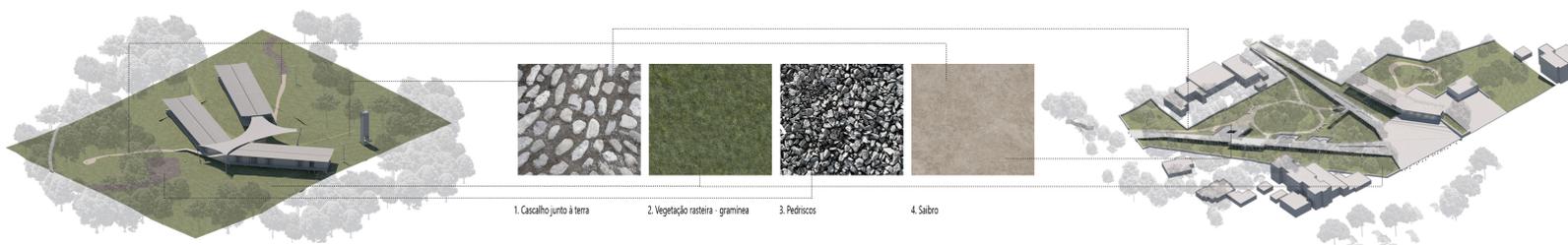
Visto a necessidade de criar espaços dinâmicos e flexíveis, os espaços internos propostos buscam otimizar da melhor forma possível a estrutura, além de criar uma universalidade para qualquer uso que seja necessário. Com isso, as barras localizadas na aldeia Kaingang Foxá sofreu uma modulação pré-definida de 5m internos, de modo que otimize a estrutura e crie um espaço interno adequado e condizente com os usos posteriores. Esta modulação permitiu corredores externos de ambos os lados, criando duplo acesso e gerando os layouts internos em formato de ilha. Estes formatos possibilitaram ainda um prolongamento das salas no sentido longitudinal da barra, conectando as salas quando necessário e ampliando os espaços internos quando necessário e dependendo da atividade a ser utilizada. Na barra mais privada, optou-se por uma divisão nos dormitórios no sentido transversal da barra, de modo que duplique os três dormitórios pré-estabelecidos, gerando seis de menor área. Na barra educacional abriu-se esta conectividade tanto nas salas indígenas quanto no atelier, duplicando e triplicando do suas áreas, respectivamente. O mesmo acontece no setor expositivo que, na união de três módulos permite ligar a produção, vendas e exposição em um único espaço.

No caso dos mobiliários internos, primeiramente houve uma análise do trâmado Kaingang a fim de gerar uma identificação própria da aldeia, sendo esta transmitida para os espaços. Deste modo, gerou-se uma forma que posteriormente foi adaptada para as mesas internas, quadros, forros móveis expositivos e mobiliários externos. No caso das mesas e classees de aula, seu formato possibilitou uma variação significativa de layout, gerando formas que se adaptam ao uso proposto, desde mais individual quanto mais coletivo. O mesmo ocorre no mobiliário externo que, na união da forma orgânica encontrada gera variações para sua colocação.

Para as demais utilizações usou-se de forma literal sua forma, de modo que o visitante tenha o contato constantemente com suas formas e identificações. A intenção é que a cultura indígena esteja presente em todos os formatos e visuais, marcando conscientemente e inconscientemente os visitantes de modo que, na repetição em ambos os núcleos, crie uma correlação dos espaços.



**PAISAGISMO**

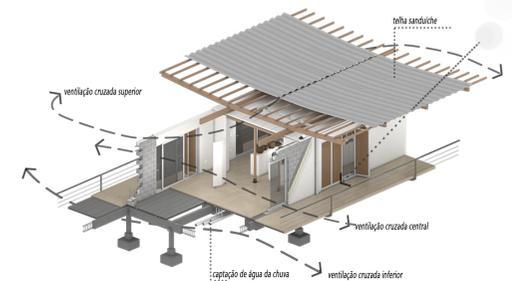


A proposta paisagística teve como ponto de partida preservar ao máximo o ambiente existente. Desta forma, trabalhou-se com materiais que não fossem nocivos ao solo que, além de serem naturais, poderiam ser locais. Para o eixo semipublico, trabalhou-se com a marcação no piso de 3 formatos: pedriscos para área de estacionamento, sabro para caminhos de ligações diretas e cascalho em locais de maior permanência. Sua colocação visa gerar um caminho demarcado ao visitante, barrando acessos indevidos e demonstrando os espaços de convivência.

A materialidade utilizada, como citado, visa propor materiais que não agredem o ecossistema atual. Para isso optou-se por pavimentações orgânicas, que se moldem ao terreno e configure caminhos conforme as necessidades, principalmente na aldeia Foxá. Neste caso é demarcado fluxos diretos já planejados, porém sem intervir em novos percursos, uma vez que suas ligações com a aldeia se torna variáveis ao longo do tempo.

Por outro lado, no centro aonde encontra-se as passarelas, optou-se por marcações junto ao chão nos pontos em que se deseja que o pedestre tenha contato com a natureza ao solo, ou seja, é levado até o nível da topografia existente. Com isso, as marcações são mais diretas e direcionais, de forma que não se crie um labirinto e facilite a leitura clara e objetiva do caminho independente da vegetação existente. A marcação ocorre, em ambos os casos, com iluminação tanto alta quanto balizadores baixos.

**SUSTENTABILIDADE**



Visto a cultura indígena e seu respeito mútuo com a natureza, propõem-se uma edificação sustentável e não agressiva ao meio-ambiente existente. Deste modo, propõem-se aberturas em todos os módulos em ambos os lados, a fim de permitir a ventilação cruzada. A elevação da edificação para a acomodação no terreno possibilita a circulação de ar abaixo da estrutura, evitando acúmulo de umidade. E por último sua cobertura que, deslocada do núcleo central possibilita circulação de ar sobre os módulos, além de barra a insolação direta, preservada também pelos brises.



vista interna do sala de aula pedagógica - variação de módulos



vista interna do sala pedagógica - variação espacial



vista interna de cozinha de culinária - variação com cozinha fechada



vista interna do atelier de culinária - variação com cozinha aberta



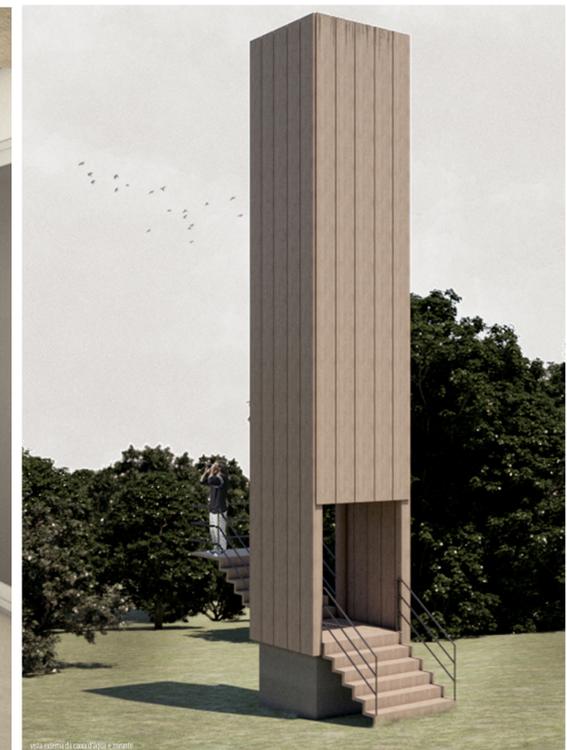
vista externa da varanda - relação com o sistema de acesso principal



vista interna do espaço expositivo, setor de vendas e produção do artesanato



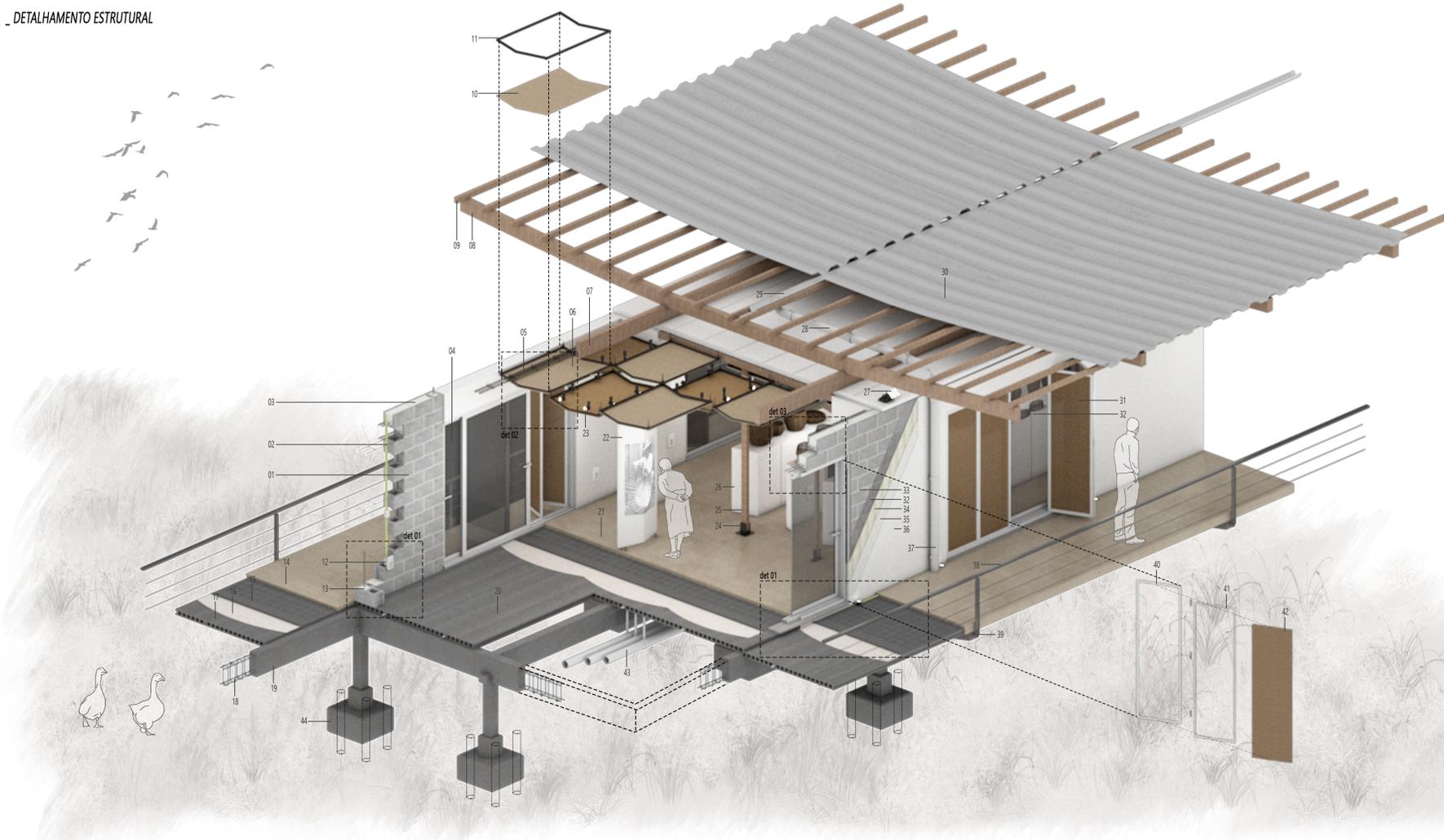
vista externa da varanda - relação com a edificação lateral e acesso para BIMBÉ



vista externa da torre (TCC) e mirante

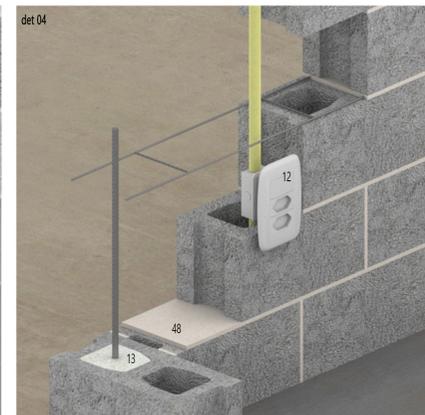


\_ DETALHAMENTO ESTRUTURAL



LEGENDA:

01. Parede de alvenaria autoportante de bloco de concreto família 39;
02. Condulete corrugado 25mm embutido no bloco de concreto para alimentação das tomadas e interruptores;
03. Cinta de amarração superior de dupla altura, com bloco canaleta família 39;
04. Porta-janela com duas folhas de correr em alumínio anodizado na cor branco e vidro laminado 8mm;
05. Eletrocalha superior em aço zincada 50x100x0,65mm perfurado em preto fosco com fixação na laje;
06. Forro com tramedo indígena com casca do bambu, fixado num perfilado metálico anodizado preto e posterior fixação na laje através de tirantes reguláveis na cor preta;
07. Viga principal retangular 150x450mm em madeira laminada colada em Eucalipto Grandis, S4S, apoiada sobre painel alveolar inferior e apoio do telhado;
08. Cábrio retangular 10x300mm madeira laminada colada em Eucalipto Grandis, S4S;
09. Ripa retangular 10x300mm madeira laminada colada em Eucalipto Grandis, S4S;
10. Tramedo indígena com casca de bambu artesanal moldado in loco pela população local;
11. Quadro metálico na cor preta para fixação do tramedo e tirante em "X" para não deformação;
12. Caixa para elétrica com rosca sem tampa para recebimento das tomadas e interruptores;
13. Graute na junção de 90° dos blocos de concreto autoportantes e ferro à ser especificado;
14. Piso em concreto polido com aditivo de terra local para corante natural;
15. Malha metálica 15x15cm de 3,4 para fixação do piso com camada separadora em lona preta;
16. Camada de solidarização para fixação do concreto polido à laje alveolar inferior;
17. Laje alveolar h: 11cm sem pintura e impermeabilizante inferior;
18. Armadura de ferro existente na viga pré-moldada;
19. Viga pré-moldada biapoiada, sem pintura e impermeabilização;
20. Laje alveolar h: 11cm sem pintura e impermeabilizante inferior;
21. Piso em concreto polido com aditivo de terra local para corante natural;
22. Painel expositivo em madeira natural com pintura branca, curva e rodízio inferior;
23. Iluminação sobre o forro de tramedo indígena através de spots direcionáveis, luz neutra e fixação na laje;
24. Fixação macho e fêmea metálica com pintura anodizada preta, chumbada em obra;
25. Pilar retangular 150x300mm em madeira laminada colada em Eucalipto Grandis, S4S. Apoio sobre a viga superior no mesmo material, com travessa para apoio da laje direcionada no mesmo sentido;
26. Iluminação externa com refletor LED 10w na cor preta. Alimentação de elétrica por eletrocalha interna;
27. Canalização horizontal para descida pluvial, em PVC 100mm;
28. Calha metálica apoiada entre as ripas para recolhimento pluvial;
29. Tela sanduíche trapezoidal 2 faces Calha Forte;
30. Brise camarão com tramedo indígena com casca de bambu artesanal moldado in loco pela população local e tirante em "X" para não deformação;
31. Parede de alvenaria autoportante de bloco de concreto família 39;
32. Tela para reboco Fio 18 e 1,4mm;
33. Chapisco;
34. Emboco (massa grossa);
35. Pintura acrílica na cor branca;
36. Descida pluvial com cano em PVC branco 100mm e fixação lateral;
37. Guarda-corpo metálico anodizado na cor natural, fixação por chumbamento na viga inferior pré-moldada e tirantes horizontais e 2mm;
38. Iluminação de piso com spot balizador led 7W com face superior preta;
39. Painel de alumínio branco anodizado com corredeiras para movimentação do brise camarão;
40. Quadro de alumínio branco para fixação do tramedo indígena do brise externo e tirante em "X" para não deformação;
41. Tramedo indígena com casca de bambu artesanal moldado in loco pela população local;
42. Canalização de esgoto e pluvial para encaminhamento às fossas e reservatório de coleta de água inferiores;
43. Fundação em sapata isolada com dimensões à serem especificadas;
44. Pingadeira em granito;
45. Corredeira de alumínio anodizado na cor branca para duas folhas de correr com vidro laminado 8mm;
46. Corredeira de alumínio anodizado na cor branca para três folhas de brise camarão com preenchimento de tramedo indígena com cascas de bambu;
47. Perfil metálico branco "L" para proteção do canto da divisória de alumínio e brise propositivo;
48. Argamassa para assentamento dos blocos de concreto e 1,5cm





vista da passarela estufa coberta das trilhas com rãbço à vegetação existente



vista dos caminhos internos junto à vegetação



vista dos caminhos internos junto à vegetação



vista do mirante estufa Rio Taquari



vista dos espaços de estar ao longo da passarela

"colocar-se no lugar do outro, faz do mundo um lugar de todos."

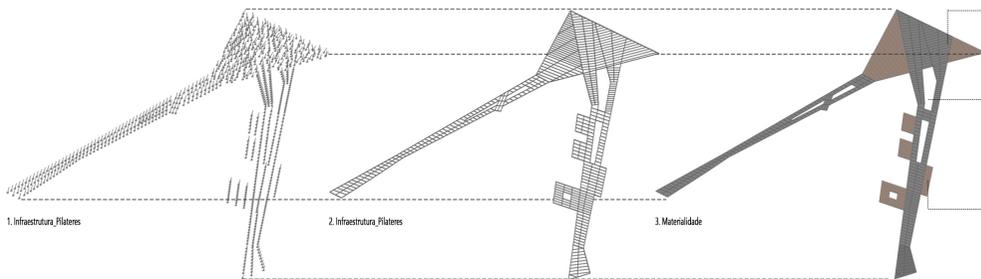


aplicação com escudos informais no mobiliário



aplicação com escudos formais no mobiliário

\_ DETALHAMENTOS COMPLEMENTARES



1. Infraestrutura\_Pilares

2. Infraestrutura\_Pilares

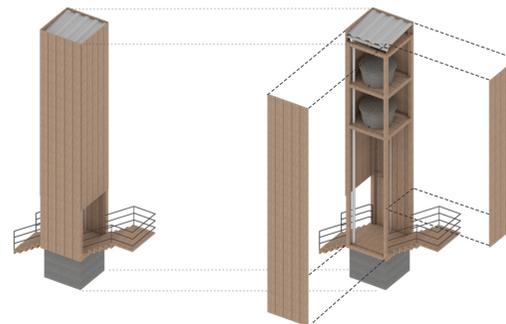
3. Materialidade



Arquitetura: Henry Szobor  
Desenhos: Edições

Olho do Lago Laboratory  
D&A

Centro de pesquisas Iggar  
Centro de pesquisas



Visando incorporar o abastecimento de água para o programa implantado na Aldeia indígena Foxá, propõe-se algo a mais do que uma simplória caixa d'água. Desta forma, tirou-se partido de sua altura para que fosse acoplado um mirante que eleva-se 2,50m do chão. A parte superior é responsável pelo armazenamento da água. O volume é revestido pela mesma madeira laminada utilizada na estrutura de toda a edificação da aldeia.



Para a lona tensionada proposta para a cobertura do núcleo central da aldeia, preveu-se a fixação da mesma junto ao chão em 3 pontos, além do tensionamento até um quarto ponto. Sua materialidade será branca e alto limpante, facilitando sua manutenção

